

# **CLIPPING IMPRESSO**

**19/04/2020**



# INDICE

---

1. JORNAL O IMPARCIAL	
1.1. DESEMBARGADOR.....	1
1.2. JUÍZES.....	2 - 3
2. JORNAL PEQUENO	
2.1. ASSESSORIA.....	4
2.2. AÇÕES TJMA.....	5
2.3. JUÍZES.....	6
2.4. PRESIDÊNCIA.....	7

# BASTIDORES

Raimundo Borges  
bastidores@oimparcial.com.br



## O avesso do reverso

O novo presidente do Tribunal Regional Eleitoral do Maranhão, desembargador Lourival Serejo, vai tomar posse no próximo dia 24, já fazendo história. Nos 206 anos da corte, é a primeira vez que ocorre uma posse de dirigentes sem solenidade.

## Mantendo a distância

Lourival Serejo e seus colegas de mesa diretora, José Bernardo (vice-presidente) e Paulo Velten (corregedor-geral), serão empossado pelo atual presidente José Joaquim Figueiredo, por vídeo conferência. A novidade decorre do isolamento pelo covid19.

# Tempos difíceis: regresso

OSMAR GOMES DOS SANTOS

JUIZ DE DIREITO

# A condessa Vésper

**OSMAR GOMES DOS SANTOS,**

Juiz de Direito da Comarca da Iha de São Luís. Membro das Academias Ludovicenses de Letras; Maranhense de Letras Jurídicas e Matinhense de Ciências, Artes e Letras

Um pouco de literatura em meio à pandemia.

Decerto que o mundo passa por um momento delicado. Consequentemente o Brasil e o Maranhão também enfrentam a crise trazida pelo novo coronavírus. Medidas extremas de isolamento estão sendo tomadas de norte a sul e a população está buscando se resguardar, evitando o contato social. Mas nada de ócio, estamos presos apenas no plano físico, devendo libertar a mente ao exercício criativo.

Por oportunidade da passagem do último dia 14, data de nascimento de Aluísio Azevedo, revisitei alguns escritos sobre o autor. Prefiri fugir dos livros de maior expressão e que lhe deram notoriedade, até pelo fato de já ter abordado sobre as mesmas. Prendi-me à obra “A Condessa Vésper”, tão significativa quanto às outras para o conjunto bibliográfico de Azevedo.

Mais uma obra do final do século XIX, A Condessa Vésper é resultado de uma série de contos publicados em A Gazetinha, folhetim contemporâneo de propriedade de Artur Azevedo, irmão de Aluísio. Para se transformar em livro, sofreu profundas mudanças e adequações.

A narrativa envolve e prende o leitor desde as primeiras linhas. Em meio à riqueza de detalhes – seja do aspecto físico, social e psicológico dos personagens – o tempo passa acontecimentos se sucedem em meio à narrativa. As tragédias da vida privada, que se revelam no social, bem aos moldes do escritor, dão um desfecho coerente com a proposta da obra.

Com um enredo girando em torno de uma mulher como personagem principal, traz ao leitor toda acidez na crítica social que marcou suas obras da escola literária. O drama revela uma figura feminina com características homossexuais, transfigurada aos

padrões da época, e consequentemente amaldiçoada por suas escolhas.

Se por um lado a homossexualidade masculina já tinha sido abordada em outras, embora sutilmente, o mesmo ainda não havia ocorrido com a mulher. Acredita-se que, na literatura brasileira, essa exposição da mulher com opção pelo mesmo sexo em detrimento da virilidade masculina tenha sido inaugurada por Azevedo.

Além da notável preferência pelo sexo oposto, Ambrosina revela-se uma mulher com poucos pudores, a não ser a costumeira aparência para a sociedade. A encarnação da maldade ficava notória nas passagens sobre adultério, furto, ganância, mentiras e sedução por conveniência. Um manipulado jogo, bem ao gosto de Aluísio.

O enredo tem suas reviravoltas, marcadas por sucessões de tragédias que prendem o leitor, algo bem característico atualmente nas telenovelas. Ambrosina torna-se amante de Gabriel após uma noite de núpcias frustradas em que seu marido, Leonardo, enlouquece.

Passa a viver uma relação às escondidas com Gabriel, mas não tarda a trair este também e a viver aventuras paralelas. Depois de envolver Gabriel em um jogo amoroso, foge com Laura, por quem revela ter um sentimento ardente nunca antes sentido.

“Foi o meu único amor. Jamais em delírio de sentido, paixão, esquecimento de tudo, a alma e carne se fundiram numa só lava de desejo insaciável e ardente...”.

Noutro trecho, revela todo “canibalismo” sexual que a possuía, juntamente com Laura. “E para nós outras abriu-se uma estranha vida de delícias transcendentais e cruéis. Primaveramos em Nice e fomos de verão a Paris. O velho mundo, sistematicamente orgiaco, nos era indiferente e banal. Vivíamos uma para a outra”.

Sem dúvidas essa relação entre as personagens é o ponto alto da trama literária de Azevedo, posto que as demais críticas, costumeiramente, já eram vistas em seus escritos.

Regressando da Europa, após a morte de Laura, entranha-se com D. Felipe, que a faz condessa. Mas não tarda estar novamente só, oportunidade que se encosta novamente em Gabriel, com quem passa a ter uma relação por conveniência, conturbada, devido às desmedidas ambições de Ambrosina, e fatalmente trágica, dando desfecho esperado após tantas desventuras.

Desejosa por obter um par de broches que vira na loja Farani, impõe condição a Gabriel que só estaria em seus braços após comprar-lhe as joias. Gabriel raspa as migalhas de economia que ainda restavam, vai até a loja e adquire os adornos, pedindo, estranhamente, que o atendente separasse as gemas da base em ouro.

Seguiu para uma loja de armas e comprou duas pistolas de carregar pela boca. Pede que as deixasse carregadas, munindo-se de duas espoletas. Mais tarde, ao chegar em casa, apresenta à amada o estojo das joias, fazendo-a explodir de alegria. Mas impõe uma condição de que a mesma deixasse seu colo nu, passando-lhe uma venda nos olhos, que só poderia ser retirada frente ao espelho.

Gabriel, que cansado de tudo que passara ao lado da amada, toma nas mãos as duas pistolas já engatilhadas e carregadas cada uma com um brilhante. O estampido, o gemido, as gemas encravadas no seio da amada, a queda, o sangue, o cárcere, o suicídio.

A obra expõe exageros, cobiça e futilidades. Paradoxos entre vícios e virtudes, amor e ódio, dor e prazer, vida e morte. A opção sexual parece trazer a Ambrosina uma sentença de morte, maldição que se propagava àqueles com quem ela teve contato. Assim como Laura, outros personagens tiveram suas vidas ceifadas.

Por outra via de análise, pode ser vista como crítica ao modelo patriarcal, no qual prevalecia a vontade masculina. O protagonismo, devaneios e peraltices, embora algumas passem dos limites, talvez tenha buscado refletir a emancipação da alma feminina em sua plenitude, desejos e ações.

## Justiça & Cidadania

Antonio Carlos Lua [acarloslua@folha.com.br](mailto:acarloslua@folha.com.br)



### O novo dilema civilizatório

Em tempos de coronavírus é necessário que, numa análise implacável, passemos a assumir a variável verdadeira de que estamos em plena época de incertezas, com poucos cenários para resolver uma difícil equação para eliminar a distorção gerada pelo incerto.

Estamos em um momento em que não temos certeza de nada, com poucas possibilidades de sermos precisos, quando são procuradas infinitas maneiras de calcular o verdadeiro número de infectados pelo coronavírus.

Todas as estimativas apresentadas até agora são baseadas em múltiplas hipóteses, todas elas atualizadas constantemente com margem de erro, não podendo, assim, serem consideradas como válidas.

Nem sequer podemos ter certeza do número real de falecidos atingidos pela Covid-19. Cada país tem seu próprio protocolo para contabilizar as mortes. Tampouco somos capazes de ter certeza sobre a duração dessa pandemia.

Não sabemos ainda o momento certo em que chegará a vacina e se os métodos paliativos para tratar esse poderoso vírus são 100% eficazes.

No âmbito econômico, não sabemos exatamente o impacto da pandemia. Existem vários organismos internacionais especializados neste assunto que realizam seus cálculos sobre o efeito no Produto Interno Bruto (PIB), pobreza, produção mundial, atividade comercial e emprego.

Todos eles atualizam constantemente o valor, porque é impossível prever a extensão da pandemia com o passar dos dias. Há duas semanas, a Organização Internacional do Trabalho (OIT) estimou que o coronavírus colocaria em risco mais de 25 milhões de empregos. Por outro lado, seu balanço diário já fala em 195 milhões de empregos perdidos em período integral.

Algo semelhante acontece e acontecerá ainda mais com as inúmeras análises geopolíticas, sociológicas e políticas. O que ontem foi negativo, hoje poderá ser considerado positivo.

Em termos geopolíticos, observa-se a mutante avaliação da China, que deixou de ser a “culpada” para hoje ser o “exemplo”. Isso está acontecendo em todas as questões fundamentais de nossas vidas.

Germinam infinitas dúvidas e incertezas acerca da evolução de nossas avaliações e sentidos comuns em torno do papel do Estado, do autoritarismo presidencialista brasileiro e da antipolítica que atrapalha na aplicação de medidas para diminuir os efeitos da pandemia.

Tudo é verdadeiramente incerto e impreciso. As especulações são contínuas por parte dos políticos. A maioria tem seus próprios fundamentos teóricos e argumentos não muito legítimos para interpretar esse complexo presente e realizar previsões sobre o futuro imediato.

A incerteza e a imprecisão estão presentes em nossa tentativa de estudar o que acontecerá com a sociedade. Nesse sentido, é mais do que recomendado ouvir a Ciência para podermos analisar e tomar decisões diante de muitos fatores ainda incertos, com múltiplos valores em disputa.

O que está claro e patente é que para o autoritarismo presidencialista brasileiro o risco-país não importa. O número de mortos e de pessoas que podem morrer não importa. A predileção é pela financeirização, como se a saúde pública não fosse vital.

Nesse sentido, a primeira pergunta é óbvia: O que o novo ministro da saúde pretende fazer nesta contingência? Seus objetivos estão à altura dos desafios históricos a serem enfrentados para proteger os cidadãos brasileiros diante desta problemática supranacional?

É bom lembrar que o “salve-se quem puder não funciona”. A supremacia do autoritarismo presidencialista nacional não pode continuar sendo um entrave num momento que exige esforços coletivos. Os agentes privados não podem priorizar seus lucros e nos forçar a assumir riscos e ir em direção a morte.

A Europa e os Estados Unidos – que perderam a oportunidade de mostrar ao mundo que estão na vanguarda em questões importantes – não podem ser um espelho a ser imitado.

Não podemos cair na mesma armadilha e deixarmos de ser efetivos frente ao coronavírus. Somos muito mais frágeis do que presumimos. A soberba eurocêntrica não pode subestimar ao mal que veio da China. A verdade é que estamos diante de um novo dilema civilizatório com significativas consequências geopolíticas no mundo, e, é claro, no Brasil e na América Latina.

Por incontornável que seja, a guerra contra o coronavírus não pode servir para disfarçar uma guerra dos beneficiários diretos da consagração da política covarde que massacra os pobres, boa parte deles infelizmente controlados pela pulsão macabra de políticos sem compromisso social.

Nesse momento crítico, cada um de nós terá que escolher entre confiar na ciência e nos especialistas ou em teorias conspiratórias infundadas de políticos interesseiros. Se não tomarmos a decisão correta, renunciaremos a nossa liberdade que é a única maneira de salvaguardar nossa saúde.

Essa tempestade passará. Porém as decisões que tomarmos hoje mudarão nossa vida nos anos vindouros. Temos que ter consciência de que a humanidade enfrenta hoje uma crise global. Talvez a maior crise de nossa geração.

As decisões que os governos tomarão nas próximas semanas provavelmente vão moldar o mundo nas próximas décadas. Não somente em relação aos nossos sistemas de saúde, mas também em relação a nossa economia, nossa política e nossa cultura.

Muitas medidas de emergência de curto prazo passarão a ser hábitos de vida. Essa é a natureza das emergências. Os processos históricos avançam rapidamente. Decisões que em tempos normais levam anos de deliberação são aprovadas em questões de horas.

Entram em serviço tecnologias imaturas e perigosas, porque os riscos de não fazer nada são maiores. Países inteiros servem como cobaias em experimentos sociais de grande escala.

Devemos atuar rápida e decididamente. Também devemos levar em conta as consequências do longo prazo de nossas ações. Para deter a epidemia, populações inteiras devem cumprir certas diretrizes.

Quando escolhemos entre alternativas, não somente devemos nos perguntar como superar a ameaça imediata, mas também que tipo de mundo habitaremos assim que passar a tormenta.

O coronavírus passará. A humanidade sobreviverá, a maioria de nós seguiremos vivos, porém habitaremos num mundo diferente.



## PETINHADAS

\*\*\* E olha a reação de um leitor do Dr. Pêta!!! Ao ler a notícia de que o Tribunal de Justiça do Maranhão está entre os 20 tribunais do Brasil com mais movimentos e despachos durante o período da pandemia, o 'cabra' 'mandou bala': "Dr. Pêta, já que tá assim, conversa aí com o presidente para ver se saem os precatórios!!! Fizeram uma lista de precatórios de até 2020..., tem uma senhora com 81 anos e hipertensa com um precatório de 2013, e até agora nada"!!! Táí o recado, Don Joaquim!!!



## Osmar Gomes

Juiz de Direito da Comarca da Ilha de São Luís, membro das academias Ludovicense de Letras, Maranhense de Letras Jurídicas e Maranhense de Ciências, Artes e Letras.



# A CONDESSA VÉSPER

## Um pouco de literatura em meio à pandemia

Decerto que o mundo passa por um momento delicado. Consequentemente o Brasil e o Maranhão também enfrentam a crise trazida pelo novo coronavírus. Medidas extremas de isolamento estão sendo tomadas de norte a sul e a população está buscando se resguardar, evitando o contato social. Mas nada de ócio, estamos presos apenas no plano físico, devendo libertar a mente ao exercício criativo. Por oportunidade da passagem do último dia 14, data de nascimento de Aluísio Azevedo, revisitei alguns escritos sobre o autor. Prefiro fugir dos livros de maior expressão e que lhe deram notoriedade, até pelo fato de já ter abordado sobre as mesmas. Prendi-me à obra “A Condessa Vésper”, tão significativa quanto às outras para o conjunto bibliográfico de Azevedo. Mais uma obra do final do século XIX, A Condessa Vésper é resultado de uma série de contos publicados em A Gazetinha, folhetim contemporâneo de propriedade de Artur Azevedo, irmão de Aluísio. Para se transformar em livro, sofreu profundas mudanças e adequações. A narrativa envolve e prende o leitor desde as primeiras linhas. Em meio à riqueza de detalhes – seja do aspecto físico, social e psicológico dos personagens – o tempo passa acontecimentos se sucedem em meio à narrativa. As tragédias da vida privada, que se revelam no social, bem aos moldes do escritor, dão um desfecho coerente com a proposta da obra. Com um enredo girando em torno de uma mulher como personagem principal, traz ao leitor toda acidez na crítica social que marcou suas obras da escola literária. O drama revela uma figura feminina com características homossexuais, transfigurada aos padrões da época, e consequentemente amaldiçoada por suas escolhas. Se por um lado a homossexualidade masculina já tinha sido abordada em outras, embora sutilmente, o mesmo ainda não havia ocorrido com a mulher. Acredita-se que, na literatura brasileira, essa exposição da mulher com opção pelo mesmo sexo em detrimento da virilidade masculina tenha sido inaugurada por Azevedo. Além da notável preferência pelo sexo oposto, Ambrosina revela-se uma mulher com poucos pudores, a não ser a costumeira aparência para a sociedade. A encarnação da maldade ficava notória nas passagens sobre adultério, furto, ganância, mentiras e sedução por conveniência. Um manipulado jogo, bem ao gosto de Aluísio.

O enredo tem suas reviravoltas, marcadas por sucessões de tragédias que prendem o leitor, algo bem característico atualmente nas telenovelas. Ambrosina torna-se amante de Gabriel após uma noite de núpcias frustradas em que seu marido, Leonardo, enlouquece. Passa a viver uma relação às escondidas com Gabriel, mas não tarda a trair este também e a viver aventuras paralelas. Depois de envolver Gabriel em um jogo amoroso, foge com Laura, por quem revela ter um sentimento ardente nunca antes sentido. “Foi o meu único amor. Jamais em delírio de sentido, paixão, esquecimento de tudo, a alma e carne se fundiram numa só lava de desejo insaciável e ardente...”. Noutro trecho, revela todo “canibalismo” sexual que a possuía, juntamente com Laura. “E para nós outras abriu-se uma estranha vida de delícias transcendentais e cruéis. Primavera em Nice e fomes de verão a Paris. O velho mundo, sistematicamente orgiaco, nos era indiferente e banal. Vivíamos uma para a outra”. Sem dúvidas essa relação entre as personagens é o ponto alto da trama literária de Azevedo, posto que as demais críticas, costumeiramente, já eram vistas em seus escritos. Regressando da Europa, após a morte de Laura, entranha-se com D. Felipe, que a faz condessa. Mas não tarda estar novamente só, oportunidade que se encosta novamente em Gabriel, com quem passa a ter uma relação por conveniência, conturbada, devido às desmedidas ambições de Ambrosina, e fatalmente trágica, dando desfecho esperado após tantas desventuras. Desejosa por obter um par de broches que vira na loja Farani, impõe condição a Gabriel que só estaria em seus braços após comprar-lhe as joias. Gabriel raspa as migalhas de economia que ainda restavam, vai até a loja e adquire os adornos, pedindo, estranhamente, que o atendente separasse as gemas da base em ouro. Seguiu para uma loja de armas e comprou duas pistolas de carregar pela boca. Pede que as deixasse carregadas, munindo-se de duas espoletas. Mais tarde, ao chegar em casa, apresenta à amada o estojo das joias, fazendo-a explodir de alegria. Mas impõe uma condição de que a mesma deixasse seu colo nu, passando-lhe uma venda nos olhos, que só poderia ser retirada frente ao espelho. Gabriel, que cansado de tudo que passara ao lado da amada, toma nas mãos as duas pistolas já engatilhadas e carregadas cada uma com um brilhante. O estampido, o gemido, as gemas encravadas no seio da amada, a queda, o sangue, o cárcere, o suicídio. A obra expõe exageros, cobiça e futilidades. Paradoxos entre vícios e virtudes, amor e ódio, dor e prazer, vida e morte. A opção sexual parece trazer a Ambrosina uma sentença de morte, maldição que se propagava àqueles com quem ela teve contato. Assim como Laura, outros personagens tiveram suas vidas ceifadas. Por outra via de análise, pode ser vista como crítica ao modelo patriarcal, no qual prevalecia a vontade masculina. O protagonismo, devaneios e peraltices, embora algumas passem dos limites, talvez tenha buscado refletir a emancipação da alma feminina em sua plenitude, desejos e ações.



## **Presidente do TJMA lamenta morte do desembargador Júlio Aires**

O presidente do Tribunal de Justiça do Maranhão, desembargador Joaquim Figueiredo, em nome dos demais desembargadores membros da Corte, externou profundo pesar pela perda do desembargador aposentado Júlio Aires, que faleceu nesse sábado (18). “Me solidarizo com a família do magistrado, desejando conforto e serenidade em momento tão difícil de imensurável perda, ao tempo em que presto condolências

e expresso os mais sinceros pêsames”, disse o desembargador Joaquim Figueiredo.

### **BIOGRAFIA**

Júlio Araújo Aires nasceu no município de Viana e é casado com Maria José Batalha Aires, pai de 3 filhas e avô de 4 netos. Formado em Direito pela Universidade Federal do Maranhão, e em Geografia e História pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Luís.